



ISSN 2238-118X

CADERNOS CEPEC

V. 5 N.08 Agosto de 2016

ECONOMIA CRIATIVA, ECOLÓGICA E AGROECOLÓGICA NO CENTRO DA VIDA CAMPONESA NA AMAZÔNIA ESTUARINA

Gilson da Silva **COSTA**
Hilaíres Lima **MACIEL**
Lauro Sérgio Rodrigues da **SILVA**
Leidiane de Cássia de Sousa **LIMA**

Centro de Pesquisas Econômicas da Amazônia



CADERNOS CEPEC

Publicação do Programa de Pós-graduação em Economia da Universidade Federal do Pará.
Periodicidade Mensal – Volume 5 – Nº08 – Agosto de 2016

Reitor em Exercício: Horácio Shneider

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós Graduação em Exercício: Iracilda Sampaio

Instituto de Ciências Sociais Aplicadas

Diretor: Carlos Alberto Batista Maciel

Vice Diretor: Manoel Raimundo Santana Farias

Coordenador do Mestrado e Doutorado em Economia: Ricardo Bruno Nascimento

Editores

José Raimundo Barreto Trindade - Principal

Sérgio Luis Rivero

Conselho Editorial Provisório

Armando Souza

Marcelo Diniz

Ricardo Bruno

Francisco Costa

José Trindade

Danilo Fernandes

Gilberto Marques

Sérgio Rivero

Gisalda Filgueiras

Márcia Jucá Diniz

Comentários e Submissão de artigos devem ser encaminhados ao
Centro de Pesquisas Econômicas da Amazônia, através do e-mail: jrtrindade@uol.com.br
Página na Internet: <http://www.ppgeconomia.ufpa.br/>

Cadernos CEPEC Missão e Política Editorial

Os Cadernos CEPEC constituem periódico mensal vinculado ao Programa de Pós-graduação em Economia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Sua missão precípua constitui no estabelecimento de um canal de debate e divulgação de pesquisas originais na grande área das Ciências Sociais Aplicadas, apoiada tanto nos Grupos de Pesquisa estabelecidos no PPGE, quanto em pesquisadores vinculados a organismos nacionais e internacionais. A missão dos Cadernos CEPEC se articula com a solidificação e desenvolvimento do Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE), estabelecido no ICSA.

A linha editorial dos Cadernos CEPEC recepciona textos de diferentes matizes teóricas das ciências econômicas e sociais, que busquem tratar, preferencialmente, das inter-relações entre as sociedades e economias amazônicas com a brasileira e mundial, seja se utilizando de instrumentais históricos, sociológicos, estatísticos ou econométricos. A linha editorial privilegia artigos que tratem de Desenvolvimento social, econômico e ambiental, preferencialmente focados no mosaico que constitui as diferentes “Amazônias”, aceitando, porém, contribuições que, sob enfoque inovador, problematize e seja propositivo acerca do desenvolvimento brasileiro e, ou mesmo, mundial e suas implicações.

Nosso enfoque central, portanto, refere-se ao tratamento multidisciplinar dos temas referentes ao Desenvolvimento das sociedades Amazônicas, considerando que não há uma restrição dessa temática geral, na medida em que diversos temas conexos se integram. Vale observar que a Amazônia Legal Brasileira ocupa aproximadamente 5,2 milhões de Km², o que corresponde a aproximadamente 60% do território brasileiro. Por outro lado, somente a Amazônia brasileira detém, segundo o último censo, uma população de aproximadamente 23 milhões de brasileiros e constitui frente importante da expansão da acumulação capitalista não somente no Brasil, como em outros seis países da América do Sul (Colômbia, Peru, Bolívia, Guiana, Suriname, Venezuela), o que a torna uma questão central para o debate da integração sul-americana.

Instruções para submissão de trabalhos

Os artigos em conformidade a linha editorial terão que ser submetidos aos editorialistas, em Word, com no máximo 25 laudas de extensão (incluindo notas de referência, bibliografia e anexos). Margens superior e inferior de 3,5 e direita e esquerda de 2,5. A citação de autores deverá seguir o padrão seguinte: (Autor, data, página), caso haja mais de um artigo do mesmo autor no mesmo ano deve-se usar letras minúsculas ao lado da data para fazer a diferenciação, exemplo: (Rivero, 2011, p. 65 ou Rivero, 2011a, p. 65). Os autores devem fornecer currículo resumido. O artigo deverá vir obrigatoriamente acompanhado de Resumo de até no máximo 25 linhas e o respectivo Abstract, palavras-chaves e Classificação JEL (Journal of Economic Literature).

ECONOMIA CRIATIVA, ECOLÓGICA E AGROECOLÓGICA NO CENTRO DA VIDA CAMPONESA NA AMAZÔNIA ESTUARINA

Gilson da Silva **COSTA**¹

Hilaíres Lima **MACIEL**²

Lauro Sérgio Rodrigues da **SILVA**³

Leidiane de Cássia de Sousa **LIMA**⁴

RESUMO

Neste artigo, buscou-se compreender as causas, efeitos e interações inerentes aos territórios e sistemas reprodutivos das populações ribeirinhas residentes nas Ilhas Cuxiari, Pacui e Tem-Tudo no Baixo Tocantins, município de Cametá (PA) e Combú, Murucutu e Grande, na zona metropolitana de Belém (PA). Trata-se de abordagem quali-quantitativa de caráter explicativo. Para tanto, foi realizada pesquisa bibliográfica bem como levantamento ao longo de quinze anos (2000 a 2015), através da *Observação Participante*, aplicação de questionários semiestruturados e foto-documentação. O método geral utilizado foi o Materialismo Histórico Dialético. Os resultados da pesquisa apontaram para a internalização de novas tecnologias entre camponeses, preocupados com a destinação final dos seus resíduos sólido através da introdução de novos conhecimentos e tecnologias ("matapi ecológico", feito de garrafas PET's.); uso de matérias primas oriundas do processo de descarte industrial (fibras sintéticas para confecção de paneiros); a confecção de "lembranças" para decorações e bolsas coloridas (reciclagem dos resíduos de açaí, buriti e papelão) e outros.

PALAVRAS-CHAVE: populações ribeirinhas, resíduos sólidos, artesanato, horta orgânica e matapi ecológico.

ABSTRACT

In this article, we sought to understand the causes, effects and interactions inherent to the territories and reproductive systems of riverside populations residing in The Cuxiari, Pacui and Tem-Tudo on Bass Tocantins, municipality of Cametá (PA) and Combú, Murucutu and big, in the metropolitan area of Belém (PA). This is an approach quali-quantitative analysis of explanatory nature. For both, outside performed literature research as well as lifting over fifteen years (2000 to 2015), through participant observation, structured questionnaires and photo-documentation. The general method used was the Historical Materialism Dialectical. The results of the research pointed to the internalization of new technologies among farmers, who are concerned with the final disposal of their waste solid through the introduction of new knowledge and technologies ("Eco matapi", made of PET bottles.); use of raw materials from the process of disposing industrial (synthetic fibers for making paneiros); the making of "memories" for decorations and colorful handbags (recycling of waste of acai, buriti and cardboard) and others.

KEYWORDS: coastal communities, solid waste, crafts, organic garden and ecological matapi.

1 Cientista Social, docente da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Pará e Coordenado do Grupo de Estudo, Pesquisa e Comunicação: Natureza, Desenvolvimento e Sustentabilidade na Amazônia – NADESA (gilsoncosta@ufpa.br).

2 Engenheiro Agrônomo, mestre em Desenvolvimento Regional. Membro do Grupo de Estudo, Pesquisa e Comunicação: Natureza, Desenvolvimento e Sustentabilidade na Amazônia – NADESA (hlmaciel@gmail.com).

3 Assistente Social, discente do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares. Membro do Grupo de Estudo, Pesquisa e Comunicação: Natureza, Desenvolvimento e Sustentabilidade na Amazônia – NADESA (fssilva3@bol.com.br).

4 Tecnóloga em Saneamento Ambiental. Membro do Grupo de Estudo, Pesquisa e Comunicação: Natureza, Desenvolvimento e Sustentabilidade na Amazônia – NADESA (leidiany-lima@hotmail.com).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. MATERIAL E MÉTODO	7
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
3.1 ECONOMIA CRIATIVA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	12
3.2 ECONOMIAS CRIATIVAS, ECOLÓGICAS E AGROECOLÓGICAS	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
4.1 PANORAMA DA ECONOMIA CRIATIVA NO ESTUÁRIO AMAZÔNICO	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1. INTRODUÇÃO

O campo da cultura produtiva e artesanato utilitário sempre estiveram presentes na vida dos povos tradicionais da Amazônia. A tecnologia, construção e desenvolvimento de aparatos, equipamentos, utensílios e apetrechos usados em cultivos, criações, caças e pescas pelas populações indígenas, camponesas, ribeirinhas e quilombolas do estuário, evidenciam que há séculos a *Economia Criativa* faz parte de seu cotidiano. Assim como o uso intensivo e extensivo de matérias primas locais, como sementes, fibras, madeiras, etc., além de alimentícios como frutos, peixes e crustáceos.

Entretanto, somente nos fins do século XX, a Economia Criativa surge como uma denominação ou debate teórico no campo das ciências sociais aplicada. A chamada Economia Criativa - está no centro a criatividade dos indígenas, caboclos, camponeses, extrativistas e ribeirinhos em geral do estuário amazônico. Particularmente aparece em suas tecnologias, adaptações e inovações criativas no processo reprodutivo das famílias, etnias e grupos camponeses que buscam desafios adaptativos às novas condições da vida material - diante da escassez de matéria prima, situações econômicas adversas e novos paradigmas de desenvolvimento e sustentabilidade a partir de seus sistemas produtivos e reprodutivos locais.

Neste ambiente, a criatividade secular dos povos tradicionais e a economia sustentável sempre andaram juntas, desde tempos imemoriais – ou seja, já estava lá, existia, antes dos conceitos acadêmicos de *Economia Criativa*, da *Economia Ecológica* e da *Agroecologia*. Aliás, estas duas últimas também muito recentes, apareceram no cenário científico na crise do modelo histórico capitalista predatório – década de 1960. Apenas faltava inventar um nome criativo para cada uma dessas subáreas do conhecimento ligado às ciências sociais aplicadas. Esta economia de bases sustentáveis e milenares dos indígenas e caboclos. Não falta mais. Todos estão aí, devidamente caracterizados e com objetos de estudos específicos, em particular, o dessa “nova economia – criativa”, de que trata centralmente este artigo.

A criatividade camponesa regional ligada aos seus sistemas reprodutivos - nos artefatos e construções rurais, apetrechos de pesca, usados nos trabalhos agrícolas, domésticos e extrativistas - assim como na forma lúdica e artística em formato de brinquedos coloridos de miriti, madeira, palha e cipó. Além, estão presentes em sua Economia Criativa, vários festivais gastronômicos locais – como os do açaí, mapará, camarão, etc. e festas de santos padroeiros – São João Batista, Santo Antônio, etc. com bons incrementos na economia do turismo regional – em festas e festivais distribuídos ao longo do ano em todo o vasto território

estuarino. Este artigo busca apresentar um panorama geral desta tradicional Economia Criativa.

Dessa conexão, entre Economia Criativa, Economia Ecológica e Economia Agroecológica, que trata este artigo, amparado nos dados qualitativos, fotodocumentais e empíricos. Além, obviamente, da teoria e debate entorno dessas economias, a perspectiva do desenvolvimento sustentável e os desafios que estão no horizonte dos povos ribeirinhos amazônicos.

2. MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa ocorre no estuário da Amazônia. A região estuarina está constituída fundamentalmente pela confluência das bacias dos rios Amazonas, Tocantins, Pará e Guamá, na grande foz que vai de Macapá à Belém ao norte. Em termos de largura são 329,7 Km de extensão. Em profundidade, aqui consideramos de Belém à Tucuruí – com 455 Km de extensão. Perfazendo um gigante triângulo na região setentrional da Amazônia – formando o maior delta do mundo. Envolve, portanto parte do arquipélago do Marajó, até as ilhas e várzeas do Baixo Tocantins, e da região metropolitana de Belém.

Em suma, aqui se desenvolve a pesquisa apenas em sua porção de água doce, ao sul do arquipélago do Marajó para baixo, indo até o município de Cametá – estando excluída, portanto, toda a porção de água salgada marajoara e zona bragantina – que também pertencessem à região estuarina (Figura 01).

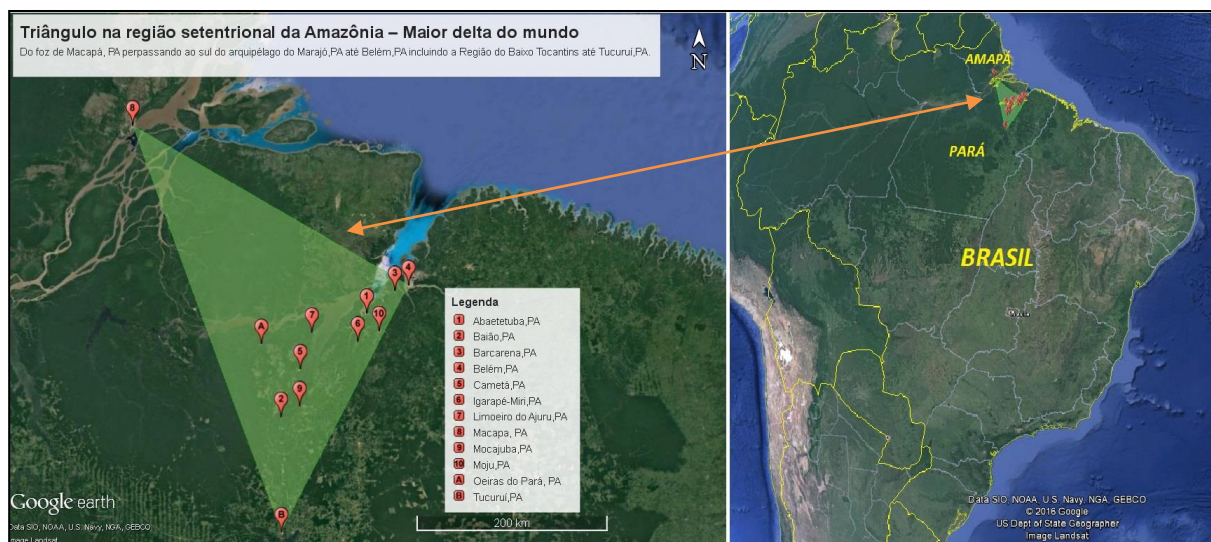


Figura 01- Triângulo na região setentrional da Amazônia – Maior delta do mundo. Fonte: Elaborado pelos autores. Adaptado do Google Earth, 2016.

O território mais específico, base empírica deste trabalho, no interior do vasto estuário da foz amazônica, suas várzeas e circuitos de rios já amplamente tratados no rodapé

cinco, são, em particular as do Baixo Tocantins e Metropolitana de Belém – sendo as selecionadas pela pesquisa as ilhas Cuxipiari, Pacuí e Tem-Tem no Baixo Tocantins – município de Cametá e a Combú, Murucutu e Grande, da zona Metropolitana de Belém. Por serem estas ilhas e sua população as mais representativas, onde em média, mais de 70% de seus moradores vivem das atividades agrícola-extrativas e predominantemente são camponeses caboclos amazônicos – que nasceram e aí permaneceram por décadas e séculos. São ilhas, populações e culturas que representam parte remanescente das inúmeras tradições indígenas e quilombolas do passado, e que hoje se articulam em interculturalidades – ao mesmo tempo são símbolos de resistência e síntese dialética do convívio com a modernidade.

Remanescentes dos períodos históricos anteriores, desde a colonização, o império, e a república presente. São os descendentes diretos, inclusive, das populações indígenas originárias. Portanto é uma população, que vivenciou inúmeros processos políticos, sociais, econômicos e ambientais - desde a condição de refugiados culturais-ambientais, escravo-espoliativos do terror etnocêntrico, aos ciclos das drogas dos sertões (borracha, cacau, madeira, etc). São aqueles que resistiram, possuem seus fundamentos reprodutivos nos sistemas naturais diretos e agrários - vivem basicamente da agricultura em pequena escala, criação de animais de pequeno e médio porte, extrativismo vegetal e pesca artesanal. Além de atividades artesanais envolvida com os recursos de seus ecossistemas, numa perspectiva de convívio harmônico com a agrobiodiversidade através de práticas de etnoconservação (WOOD & LENNÉ, 1999; DIEGUES, 2000; COSTA, 2006).

Neste artigo se buscou organizar, compreender e refletir sobre os laços de causas, efeitos e interações entre esta população, seu território e sistemas reprodutivos a partir da visão da Economia Criativa, relacionando aos elementos teóricos e metodológicos da Economia Ecológica e da Economia Agroecológica - próprios das condições materiais e imateriais presentes na vida camponesa desta peculiar mesorregião da Amazônia - base empírica para a composição dos elos teóricos e dados qualitativos e quantitativos levantados ao longo dos últimos quinze anos de pesquisa – 2000 a 2015 – desde os estudos primeiros ainda no *Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Agrário e Sustentabilidade na Amazônia*, coordenado pelos professores Dr. Francisco Costa e Dr. Thomas Hurtienne – que mais tarde evoluiu para o DADESA⁵.

⁵ Grupo de Pesquisa Dinâmica Agrária e Desenvolvimento Sustentável na Amazônia – DADESA – Coordenado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Costa.

Aqui há ainda uma tentativa de contribuição ao conceito, debate e prática do ideário do *Desenvolvimento Sustentável*, e uma introdução à *Economia Agroecológica*, do que estes agregam, ainda que limitados ao sistema do capital, dando seguimento em um trabalho desenvolvido anteriormente, agora no grupo de pesquisa NADESA. Analisando-se, estes não somente o domínio dos fenômenos, mas principalmente, os aspectos internos e necessários a estes, para a compreensão interdisciplinar da essência e da correlação crítica entre as causas resultantes da interação dos elementos e aspectos da realidade que se relacionam uns com os outros. Constituindo as peculiaridades encontradas entre as conexões da Economia Criativa, com a Economia Ecológica e a Agroecologia na Amazônia contemporânea – enquanto objeto de estudos, políticas e articulações teóricas em curso no interior do PROGRAMA NADESA⁶.

Como metodologias, são observados os *efeitos* dos processos vivos, materiais – no interior do mundo do trabalho dos ribeirinhos, assim como os imateriais – campo de sua cultura local. Processos integrais, vistos como *mudanças, movimentos* do mundo real, surgidos em decorrência da interação entre os elementos da essência, “da ação recíproca da *causa finalis* das coisas”, como definia Engels (2000, p. 128), pois *as diferentes formas e variedades da matéria só podem ser reconhecidas por meio do movimento [...] de um corpo que não se move, nada se pode dizer*. Em uma totalidade dialética, material e imaterial do modo de vida e tecnologias empregadas pelos camponeses ribeirinhos do estuário amazônico. Portanto, aqui estão presentes algumas questões levantadas pela pesquisa ao longo desses últimos anos, enlaçadas às possibilidades teóricas e empíricas do desenvolvimento rural sustentável com base no paradigma da Agroecologia, como síntese da Economia Criativa e da Economia Ecológica. Bem como de suas perspectivas, cenarizações, em meios às possibilidades, desafios e limites da sobrevivência do campesinato tradicional na Amazônia.

Registre-se ainda que o método e a metodologia subjacentes associadas aos processos comuns de pesquisas de campo - participativas, qualitativas e quantitativas - e de desenvolvimento teóricos metodológicos acumulados pelo estudo de diversos autores, metodologias e teorias exercitadas no interior do NADESA. Embasados, fundamentalmente, nas condições desses acúmulos científicos – das mudanças no mundo real, indo das quantitativas às mudanças qualitativas (da causa ao efeito – e seus reflexos). No cerne da epistemologia seguida está o Materialismo Histórico Dialético de Karl Marx e Friedrich Engels, especialmente os apresentados em obras como: *Contribuição à crítica da economia*

⁶ Programa de pesquisa que em sua primeira fase, deve se constituir em uma década de pesquisa, executado pelo Grupo de Estudo, Pesquisa e Comunicação Natureza, Desenvolvimento e Sustentabilidade na Amazônia - NADESA – Coordenado pelo Prof. Dr. Gilson Costa, ICSA/UFPA.

política (2007) e *O capital* (2002), de Marx e em a *Dialética da Natureza* (1979), de Engels. Além de autores da *Teoria Geral dos Sistemas* como Ludwig Bertalanffy (2015), da *Ecological communication*, como Niklas Luhmann (1989) e Maturana e Varela (1995), do *Sistemismo Dialético* de Gilson Costa (2016) e da *Ecologia*, Eugene Odum (1988), etc. Portanto, os debates teóricos estão ancorados às bases das ciências sociais, agrárias e naturais.

Mobilizando métodos que reconhecem não apenas as mudanças quantitativas e qualitativas, e sua correlação, mas, sobretudo, que consideram também que os processos que disparam (as causas) e os resultados (os efeitos) são partes das leis fundamentais do movimento e do desenvolvimento da matéria, da sociedade no interior da natureza (CHEPTULIN, 1982), os pesquisadores do NADESA seguem a tradição marxista e incorporam novos elementos, da Teoria Geral dos Sistemas – em sua síntese, *Sistemismo Dialético e/ou Materialismo Sistêmico*. Onde a essência do princípio de causalidade, na realidade, é o reconhecimento do fato de que todo fenômeno pode ser condicionado de forma causal e o laço de causa e efeito é necessário⁷, em um processo sistêmico, dialético e histórico intercomunicantes. Que deve levar em consideração suas interações recíprocas – daí que se pode articular o debate teórico entre Economia Criativa, Economia Ecológica e Economia Agroecológica – a partir de trabalhos de campos, observações participativas, uso de questionários, fotodocumentação e medições observáveis das ciências agrárias na Amazônia.

Na compreensão de que as forças produtivas se desenvolvem não-simultaneamente às relações dentro das quais elas estão sendo usadas e inteiradas na totalidade social, por isso Karl Marx não usou o termo *desenvolvimento não-simultâneo*, mas, sim, *desenvolvimento desigual*. O espaço dividido no mundo indivisível alimenta a ilusão da não-relação dos acontecimentos globais, seja no âmbito econômico, ecológico ou social (BRÜSEKE, 2001), apesar das potencialidades e das oportunidades que se inscrevem no horizonte. Isso não significa que elas vão ser aproveitadas integralmente, podendo se repetir o que ocorreu no passado dessa região – ou seja, o esgotamento dos recursos naturais; assim como gerar as tensões por sua substituição. Existe toda uma dinâmica geral do modo de produção capitalista que inclui o particular, subsumindo o local, argolados aos laços do global e pode lhe trazer ameaças e/ou oportunidades novas, conforme o metabolismo socioambiental dos fluxos e contra-fluxos do sistema – e processar novas formas e desafios de produção e reprodução do campesinato regional.

⁷ Uma análise ancorada no materialismo dialético não entende por causa o objeto, a coisa, mas a interação dos elementos e dos aspectos que formam a realidade. Uma mesma interação, em condições apropriadas, não acarreta mudanças diferentes, mas apenas semelhantes. A presença de uma grande quantidade de possibilidades diferentes não exclui, portanto, o laço necessário de causa e efeito (CHEPTULIN, 1982).

Sobretudo no tocante a estes aspectos, por exemplo, está contida a condição histórica que levou a região estuarina setentrional amazônica - o Baixo Tocantins e a Metropolitana de Belém - a ligar-se no passado à economia internacional, via metabolismo do sistema do capital pelo comércio das drogas dos sertões: cacau e borracha, produtos nativos extraídos das várzeas nos séculos da colonização e mais recentemente o uso energético das forças de suas águas - pelas turbinas da Usina Hidrelétrica de Tucuruí - no Baixo Tocantins - que não significou desenvolvimento local, não mudou a vida econômica da população pobre, mas ao contrário - como se pode acompanhar pelos relatos dos camponeses. Estas foram formas espoliativas de apropriação histórica das riquezas pelos setores dominantes do passado e agora pela burguesia agrária, industrial e banqueira - que empurrara para a miséria parcela da população local, submetida a uma lógica de empobrecimento perversa, contínua e crescente.

Portanto, formaram no passado interações que em condições apropriadas de trocas desiguais entre ofertantes (extratores, coletores, pescadores, camponeses) e demandantes (complexos agropecuários, comerciais, industriais e banqueiros) no presente que não se modificaram substancialmente. Outrora funcionaram em base ao sistema de aviamento, extremamente negativo para os produtores e produtos vegetais e animais extrativos das várzeas - detonaram processos econômicos que não resultaram em desenvolvimento, em mudanças diferentes, qualitativas, mas foram apenas semelhantes e continuaram por décadas a fio, até muito pouco tempo atrás - quando estes entraram em crise nas décadas de 1960/1970.

Agora, nas quatro últimas décadas, com o uso do potencial hídrico da região do Baixo Tocantins, abriu-se outra dinâmica econômica que provocou uma vez mais efeitos deletérios, que não se diferenciam qualitativamente da lógica do passado, a não ser por serem mais violentos, desagregadores e devastadores das relações socioambientais e socioeconômicas, mostrando mais uma vez os laços necessários entre causa e efeito da realidade e das condições históricas imposta pelos interesses da burguesia sobre a região, sustentada por uma economia ainda extrativista, agrária e de baixo retorno econômico e malogro ecológico-ambiental. Neste contexto histórico, inscreve-se toda a problemática do campesinato tradicional amazônico, que busca saídas alternativas no processo produtivo ancorado em uma lógica de desenvolvimento que seja o mais sustentável possível. Vislumbra-se aqui um movimento teórico novo, relativo às conexões entre as Economias: Criativa, Ecológica e Agroecológica. O que segue tenta dar conta, neste primeiro momento, da Economia Criativa no interior do agrário estuarino amazônico - depois virão esforços, em outro lugar, entorno das demais subáreas econômicas, agrônômicas e ecológicas.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 ECONOMIA CRIATIVA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A *Economia Criativa* é o setor econômico formado pelas atividades relacionadas à produção e distribuição de mercadorias e serviços que utilizam a criatividade e as habilidades dos indivíduos e/ou grupos como insumos fundamentais e primários deste processo. Segundo John Howkins (2001), em sua obra *The Creative Economy*, esta nova economia se ocupa de atividades nas quais a criatividade e o capital intelectual está no cerne, são a matéria-prima para a criação, produção e distribuição de bens e serviços - onde o processo de criação é tão importante quanto o produto final, uma cadeia produtiva complexa baseada no conhecimento e capacidades de produzir riqueza, gerar empregos e distribuir renda - que tomou forma ao longo das últimas três décadas.

A Conferência das Nações Unidas para o Comércio Internacional e o Desenvolvimento (UNCTAD, 2010) organizou as sub-áreas ligadas à Economia Criativa: 1) Herança ou Patrimônio: as expressões culturais tradicionais como artesanatos, festivais e celebrações, sítios culturais (museus, bibliotecas, exposições etc.) e elementos arqueológicos; 2) Artes: visuais (pintura, escultura, fotografia e antiguidades) e artes performáticas em geral (música ao vivo, teatro, dança, ópera, circo, marionetes etc); 3) Mídia: reúne produção de conteúdo criativo com objetivo de comunicação, setor editorial (livros, imprensa e outras publicações) e a comunicação audiovisual (cinema, televisão, rádio e transmissões); 4) Criação funcional: grupo formado por atividades como design (de interior, gráfico, moda, joias, brinquedos); a chamada nova mídia (software, videogames e conteúdo criativo digitalizado); e os “serviços criativos”, como o arquitetônico, a publicidade, os culturais e os recreativos, em P&D, entre outros. Desde então as variações ocorrem em cada país ou grupo de nações ao redor do mundo⁸.

Na modernidade as questões sociais, econômicas e ambientais se transformaram num objeto de disputas políticas ainda maiores que no passado, sendo elaboradas por diferentes atores e coalizões de discursos e classes antagônicas. Neste contexto, a última grande onda sobre racionalidade, modernidade e desenvolvimento trouxe, a partir da crise da modernidade

⁸ No Brasil, a Secretaria de Economia Criativa, vinculada ao Ministério da Cultura considera 20 áreas componetes sob o domínio da economia criativa, que vai das artes cênicas, música, artes visuais, literatura e mercado editorial, até os circuitos criativos do audiovisual, das artes eletrônicas como as animações, games e software aplicado à economia criativa. Além desses, a publicidade, o rádio e a TV compõe a listagem. Assim como a moda, arquitetura, design e gastronomia. E para fechar o holl de atividades, a cultura popular, o artesanato, o entretenimento, eventos e turismo cultural. Totalizando uma rede de novas atividades econômicas, umas relativamente novas e outras mais tradicionais, todas reunidas sob o signo e era da mais nova área da economia, a criativa.

e do desenvolvimento convencional capitalista, a perspectiva do *Desenvolvimento Sustentável* – cultura geral que busca estabelecer as bases de sociedades desenvolvidas social e economicamente, ao mesmo tempo que, sustentáveis ecológica e ambientalmente no tempo e no espaço. No campo, isso significa em primeiro lugar, um encadeamento de transformações técnicas, ecológicas, econômicas, históricas e sociais em bases agroecológicas (DUFUMIER,1996). Neste sentido, para compreender o presente, convém entender primeiramente a dinâmica passada do agrário, a história do território e onde suas contradições presentes, mais evidentes, podem se mostrar, para depois prever cenários mais prováveis, possíveis e suas tendências. Observando com atenção as distintas realidades locais e/ou regionais e suas conexões, antagonismos e conflitos com a sociedade geral envolvente.

As características socioeconômicas e agroecológicas, captadas a partir de uma abordagem sistêmica aplicada à investigação de socioeconomia rural, permitiram aos pesquisadores do NADESA visualizar e compreender de forma mais abrangente este agrário. Como verificado ao longo de quinze anos de estudos de seus membros mais antigos, muitos são os problemas sociais, econômicos e ambientais enfrentados pelo campesinato das ilhas do Baixo Tocantins e da região das ilhas da metropolitana de Belém - reflexos das dinâmicas resultantes das ações antrópicas internas às comunidades e os processos externos da sociedade circundante. Onde, entre outros problemas, são particularmente impostos pelo meio macroscópico - envolvendo relações culturais, econômicas, ambientais, sociais e políticas externas às populações caboclas. Através do movimento mais geral do sistema capitalista, que atinge direta e/ou indiretamente as famílias camponesas ribeirinhas do estuário da Amazônia.

Problemas que são de natureza complexa e de soluções difíceis, uma vez que muito além dos sonhos límpidos e das fórmulas salvadoras, contidas em determinadas formulações teóricas e práticas políticas correspondentes – como a “Economia Solidária”, “Banco Popular”, a “Economia Verde”, e o “Capitalismo Natural” – todos no escopo do Desenvolvimento Sustentável por dentro do capitalismo - encontra-se uma trama social delicada, onde interesses particulares e lutas de classes intervêm e frequentemente se contrapõem econômica, política e ideologicamente, com muito mais força do que as indicações teóricas e práticas correspondentes postas em marcha - que pretendem combatê-las - como é o caso da perspectiva do Desenvolvimento Sustentável⁹ - e/ou então, das propostas da socialdemocracia em suas coalizões frente-populistas, só para ficarmos nestas duas proposições mais significantes e atuais do debate político, teórico e metodológico em questão.

⁹ Mas aqui, este debate está limitado, não são objetos centrais, portanto, fogem das análises mais profundas deste trabalho – frutos para vindouros debates acadêmicos, desde o NADESA, com os pares e sociedade em geral.

Os debates, disputas políticas e teóricas entorno do chamado *Desenvolvimento Sustentável* é praticamente infundável, e uma discussão muito difícil, controversa e ainda com muitos problemas de aferições. E possivelmente sem solução à curto e/ou médio prazos por dentro do sistema capitalista – se é que isso seria possível - dado os interesses distintos entre a burguesia e o proletariado, especialmente os políticos e econômicos, a propriedade privada dos meios de produção e a apropriação da natureza e seus usos, seja global ou regional. Problemas que envolvem grandes disputas, conflitos e soluções revolucionárias. Num quadro geral de esgarçamento da luta de classes em nível mundial e empasses pelo drama da luta de classes onde a perspectiva de ruptura é fundamental – ainda que dentro de um quadro geral de correlações de forças desfavoráveis em nível regional para o proletariado e o campesinato.

3.2 ECONOMIAS CRIATIVAS, ECOLÓGICAS E AGROECOLÓGICAS

Ao lado Da Economia Criativa, outra bastante recente se refere à *Economia de Recursos Naturais*, principalmente difundida nas décadas de 1960 e 1970, que dava ênfase na forma de utilização dos recursos naturais (MÉRICO, 1996). Seu grande objetivo era alcançar o uso “ótimo” de recursos renováveis e não renováveis com maior retorno econômico com menor custo. Percebeu-se, porém, que, mesmo sob esse uso “ótimo”, não se evitava a degradação ambiental e podia levar os recursos naturais à completa exaustão e extinção. Outra formação ou derivação de áreas internas à Economia tradicional, veio a se constituir na *Economia Ambiental* que alcançou grande desenvolvimento na década de 1980, com ênfase à questão da poluição. A poluição era percebida como uma externalidade do processo de produção e consumo, ou seja, uma “falha dos mecanismos de mercado” - que, segundo seus ideólogos podem ser tratadas pelos vários meios de internalização de custos ambientais nos preços dos produtos (MÉRICO, 1996).

Essas formas de análise visavam, então, à introdução das questões relacionadas ao ambiente natural nas estruturas e modelos de análise econômica. Assim, tanto a Economia de Recursos Naturais quanto a Economia Ambiental se mostraram problemáticas - insuficientes para promover uma ampla introdução do ambiente natural na análise econômica, dado que não discutem uma escala adequada das atividades econômicas em relação aos ecossistemas e, em última análise, em relação à própria biosfera (MÉRICO, 1996). Para superar em parte essa debilidade então entra em cena a *Economia Ecológica*, à esteira das duas anteriores é apenas uma relativa nova abordagem que representa uma evolução das formas de análise anteriores, englobando a problemática do uso de recursos naturais e as externalidades do processo

produtivo, com ênfase, porém, no uso sustentável das funções ambientais e na capacidade dos ecossistemas em geral de suportar a carga imposta pelo funcionamento econômico, considerando propriamente custos e benefícios da expansão da atividade humana (MÉRICO, 1996).

A Economia como ciência tem se desenvolvido, ao longo dos anos, e desdobrada em diversas subáreas e formas de análise relacionada ao ambiente natural. Entretanto, nenhuma delas, até aqui, foi capaz de internalizar as relações socioambientais a contento, pois quase sempre, não levam em consideração a apropriação privada dos meios de produção, as lutas de classes no interior da sociedade e principalmente, apontam para uma ruptura com o sistema do capital e sua sociedade engendradora de destruição de emprego, do proletariado e dos meios bióticos e abióticos – numa expressão de todos os socioecossistemas. Quem porta esta perspectiva, é a *Economia Ecológica de Marx e Engels*, e/ou *Economia Ecológica Marxista* – que incorpora todo o debate e críticas dos economistas, ecologistas, ambientalistas, agroecologistas, muito pertinentes, porém vai muito além: toca do reino da sagrada propriedade privada e não apenas no metabolismo da sociedade burguesa e seus processos industriais. A teoria vinculada aos fundadores do Materialismo Histórico Dialético, da crítica da Economia Política e da Ecologia Política no interior do movimento político, científico, consciente e organizado leva em consideração as lutas de classes entre as burguesias e as trabalhadoras. E enfrenta o debate e formulações desde essa profundidade.

A relação entre a escala da economia e a capacidade de suporte da biosfera, o problema do aumento entrópico gerado pelo processo econômico, a introdução do capital natural na análise econômica, a reestruturação dos macro indicadores com a introdução de contabilidade dos recursos naturais, a valoração de elementos do meio ambiente e de funções ambientais, metodologias de avaliação e internalização de custos ambientais, análise dos fluxos energéticos, entre outros (MÉRICO, 1996), são elementos internos e/ou temas a serem aprofundados. E mais, constituem campo de análises científicas das distintas economias e movimentos teóricos e políticos em pauta, que cada vez mais tomaram parte das disputas sociais entorno das questões de produção e reprodução da sociedade informacional, globalizada, radicalizada, etc. pelos processos exasperantes de expansão e domínio burgueses.

Neste bojo, a *Economia Agroecológica*, aqui introduzida pela primeira vez, se funda na perspectiva marxiana-engelsiana e nos estudos e desenvolvimento teórico-metodológico de teóricos marxistas como Jhon Foster (2005), e do próprio NADESA, em particular dos trabalhos de COSTA (2003; COSTA, 2009 e COSTA, 2016) que trata das estruturas

categoriais fundadas destas afiliações científicas, teóricas, metodológicas e políticas – concretizadas em noções que integravam as esferas econômica, social, natural e agrária em uma totalidade sistêmica voltadas para o entendimento das questões do campo na Amazônia. Entretanto, apesar do destaque para a economia de base agrária, a Economia Agroecológica não estaria isolada, em absoluto, da economia urbana, bem ao contrário. Uma vez que formam – campo e cidade - um complexo sistêmico total no interior da sociedade em geral sustentada pelas condições produtivas e reprodutivas recíprocas entre ambos os meios.

Aqui, a *Economia Agroecológica*, estaria a ser exercitada, enquanto conceito, inicialmente somente a partir dos estudos dos agroecossistemas – por uma questão puramente de espaço/escopo metodológico. Mas em hipótese alguma deve ser isolada de seus aspectos sociais, econômicos, ecológicos e ambientais multiversos no interior do agrário em conexão com o urbano. Para tanto, são articulados esforços na operação de noções fundadas em categorias de uso sistêmico e complexo, que mobilizam arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais, em estreita associação com o estudo do espaço rural, enquanto campo articulado pela dinâmica dos sistemas agrários que se ajustem às bases de economias mais sustentáveis e territoriais¹⁰ (COSTA, 2006b; COSTA, 2009; COSTA 2016). Totalmente necessários, em verdade indispensáveis, para salvaguardar as funções vitais dos ecossistemas, socioecossistemas e as condições de produção e reprodução de uma economia e ecologia humana em cada região particular do planeta e em sua totalidade¹¹.

¹⁰ Assim, parece ser importante destacar em pequena digressão, o que se compreende por estes distintos espaços das dinâmicas recíprocas no interior da *Economia Espacial* Agrária, e/ou *Geografia Espacial* Agrária. Para Gilson Costa (2016), todas estão envolvidas ao complexo do campo por distinção entre *ruralidade*, *urbanidade* e *rurbanidade*. Que, ao mesmo tempo se complementam, são também distintos e formam espaços dinâmicos próprios. Assim, por *ruralidade* se define e entende, pela formação social, demográfica, espacial, circunscrita na dominância da paisagem, produção e atividades econômicas relacionadas diretamente ao meio biofísico agrário. Onde as relações com o meio ambiente natural, e modificado antropologicamente, a chamada natureza construída, se mostra mais evidentemente, como distinto dos espaços econômicos, sociais e ambientais da cidade, do urbano – por sua característica hegemônica, produção e vida e cultura rural - na distinção por oposição de uma economia de base agrária. Por *urbanidade*, o espaço geográfico específico da cidade, do urbano. Onde, quase sempre coincide com o lugar do poder econômico, político e social mais centralizado. Onde estão presentes os aparatos, aparelhos e equipamentos públicos. A organização política, administrativa, fiscal, militar e jurídica. A centralidade do poder, seu exercício e administração. E finalmente, por *rurbanidade* o espaço territorial do entorno relevante, entre o urbano, e o rural, ou área de transição e influência social, econômica e cultural mais diretamente ligados à cidade - particularmente o periurbano ou o que se convencionou chamar de espaço rururbano e/ou ainda o suburbano - com quem as populações locais e áreas adjacentes mantêm complexas interações, conexões, em múltiplas condicionantes, ordens, escalas e relações recíprocas - altamente dinâmicas em termos econômicos, sociais e culturais (COSTA, 2016).

¹¹ Neste sentido, se evidencia, uma vez mais, que a pesquisa interdisciplinar desenvolvida no interior do NADESA, assim como de outros grupos na Amazônia, deve promover, cada vez mais, o levantamento de aspectos socioeconômicos, socioambientais, sociopolíticos e agroecológicos em estudos de agroecossistemas, mas também são desafios, e, ao mesmo tempo, parte fundamental dessa metodologia, requer ousar criticar de forma mais contundentes os fundamentos reprodutivos do capitalismo, sua classe dirigente. No sentido de construir interpretações dos sistemas produtivos agrários regionais e/ou locais mais críticos. Todas essas e outras

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 PANORAMA DA ECONOMIA CRIATIVA NO ESTUÁRIO AMAZÔNICO

Da mesma forma como se tratou anteriormente, se mobilizam os princípios das necessidades globais – integradores do sistema-homem podem ser referidos em termos de exigências de trocas de matéria, energia e informações. Entre este sistema e o ambiente, a fim de possibilitar a homeostasia de sua estrutura (física), da sua composição (química) e da sua fisiologia (físico-química) e de atingir o maior nível de integração ao ecossistema - para consecução da sua teleonomia individual, da comunidade, da sociedade e, a da própria espécie humana – em um todo de interação sociocultural, socioambiental próprias da Economia Agroecológica¹².

Neste sentido a pesquisa NADESA, verificou que há íntima internalização de novas tecnologias entre camponeses, preocupados com a destinação final dos seus resíduos sólidos. Um caso, interessante, também, quanto há introdução de novos conhecimentos e tecnologias, pode ser registrado pela “armadilha de pesca do camarão” – cujo o “matapi ecológico”, feito de garrafas PET's (Figura 02), aparece como alternativa ao uso do matapi elaborado com talas da palmeira jupati (Figura 03) – hoje muito escassas nas várzeas por seu uso intensivo. Uma vez que, os matapis ecológicos oriundos da reciclagem de seus lixões, são mais duráveis e resistentes dos que os fabricados com talas e não se acumulam nos quintais, rios e igarapés.

questões serão exploradas no curso do PROGRAMA NADESA – e, por enquanto, aqui apenas se limita pelo escopo deste artigo.

¹² Na interdependência de fatores genéticos/parentesco, ambientais – assim como socioculturais, familiares, nível de instrução, de percepção e outros, variam as necessidades em razão do nível de diferenciação individual do sistema humano e das relações com o ambiente, varia a sua consciência quanto às necessidades próprias de cada grupo humano e seu território. O conjunto de todas as necessidades humanas constitui as suas necessidades globais, em últimas instâncias culturais. As necessidades são satisfeitas pelas utilidades. Todas as necessidades podem ser sintetizadas sob o entendimento de necessidades de trocas de matéria, energia e informações. E todas as utilidades também podem ser referidas em termos de matéria, energia e informações - podem ser traduzidas como necessidades de natureza bio-psico-sócio-culturais.



Figura 02 – Matapi confeccionado a partir de talas de jupati. Pesquisa Nadesa, 2014.



Figura 03 – Matapi confeccionados a partir de PET's.

Além desses exemplos de reciclagem, reusos, etc., há também substituição de materiais tradicionais e nativos, por matérias primas oriundas do processo de descarte

industrial (Figura 04), como fibras sintéticas como a confecção de paneiros, antes confeccionados em fibra de buriti (*Mauritia flexuosa*) ou jacitara (*Desmoncus giganteus*) duas palmeiras locais (Figura 04 e 05).



Figura 04 - Cestaria de matérias primas diversas. Fonte: NADESA, 2014.



Figura 4 - Tecelã das ilhas do Baixo Tocantins – Cametá - PA. Fonte: NADESA - 2015.

Na Figura 04, da esquerda para a direita, observa-se o paneiro de fibra sintética, plástica – derivado de petróleo. A da direita corresponde a cestames de fibras naturais, de jacitara, jupati, arumã

(*Ischnosiphon ovatus*) e buriti – todas as espécies nativas dos ecossistemas das regiões de várzeas estuarinas amazônicas.

O Paneiro trançado a partir de fibra sintética – alternativa ao uso de materiais escassos como da palmeira jacitara – antes muito tradicional na elaboração desse importante apetrecho, no trabalho dos ribeirinhos amazônicos. O que demonstra o deslocamento tecnológico adaptativo para um mundo cada vez mais de fusão do antigo com o novo, e/ou, mesmo de substituívismo de materiais naturais, nativos – como as fibras de palmeiras buriti, jacitara, etc., por elementos de composição fóssil-sintéticos. Se estas alternativas são mais viáveis, só o tempo poderá dizer. Mas são tentativas de se adaptar frente aos desafios colocados para a vida no campo, nas várzeas amazônicas (Figura 06).



Figura 06 - Paneiros confeccionados a partir de fibras naturais e sintéticas ajudam na colheita do açai. Assim como o matapi de pet, na captura de camarão nas ilhas de Belém - PA. Pesquisa Nadesa, 2014.

Vale ressaltar que o paneiro trançado a partir de fibra sintética – alternativa ao uso de materiais que estão em declínio pela pressão antrópica por esses recursos - fibras oriundas das palmeiras locais – antes muito tradicionais na elaboração de apetrechos como paneiros, cestos, abanos, etc., importantes no trabalho cotidiano e modo de vida dos ribeirinhos amazônicos. A substituição de materiais regionais demonstra o deslocamento tecnológico adaptativo para um mundo cada vez mais de fusão do antigo com o novo, e/ou, mesmo de substitucionismo de materiais naturais, nativos – como as fibras de palmeiras escandentes como a jacitara, palmeiras frondosas como o buriti e o jupati (*Raphia taedigera*), e cipós diversos, etc., matérias primas com que as cestarias são elaboradas pelos

tecelões camponeses por elementos de composição fóssil-sintéticos, como as fibras plásticas (Figura 2). Se estas alternativas são mais viáveis, só o tempo poderá dizer. Mas são tentativas de adaptação dos camponeses ribeirinhos do estuário amazônico frente aos desafios colocados pela vida no campo (Figura 07) na alta modernidade.



Figura 07 - Paneiros confeccionados a partir de fibras naturais e sintéticas ajudam na pesca de mapará em Cametá e em toda estuarina. Assim como o matapi de pet, na captura de camarão. Pesquisa NADESA, 2014.

Outros produtos encontrado entre os artesãos ribeirinnhos são as “lembranças” para decorações e bolsas coloridas confeccionadas a partir de materiais reciclados da produção de açaí, buriti e papelão (Figura 08).



Figura 08 - Artesanato ribeirinho com produtos naturais, a partir de subprodutos como o cacho da palmeira açai – vassoura - fibras das folhas de buriti e papelão reciclado. Fonte: NADESA - 2015.

Pode-se notar a presença da economia criativa pela construção naval artesanal de pequenos barcos e canoas por exímios mestres caboclos, que dão conta de uma parcela considerável da demanda por esse meio de transporte tão típicos do estuário amazônico (Figura 09 e 10).



Figura 09 - No porto, ancorados os cascos, rabetas, produzidos pelos próprios ribeirinhos em Belém - PA. Fonte: Pesquisa NADESA, 2013.

Assim como a economia criativa transborda pelas inúmeras hortas suspensas encontradas no estuário – que têm como suporte de produção matéria orgânica, especialmente adubo natural de caroço de açaí e folhagens da floresta, misturados à terra cinzas das várzeas – são canoas, cascos, etc. que não têm mais usos na navegação, mas podem e são muito explorados e ser excelentes suportes para a produção de hortaliças (Figura 11).



Figura 11 - Produção de hortaliças a partir do uso de pneus nas ilhas de Belém. Pesquisa NADESA, 2014.



Figura 11 - Reuso de velho casco para canteiros de hortaliças em Belém – PA. Fonte: Pesquisa NADESA, 2014.

A produção artesanal de azeite de andiroba é secular. Desenvolvida em processo totalmente natural, usam tábuas rudimentares para a coleta - em recipiente de garrafas de vidros recicláveis e ou pets. A filtragem em pano, funil de alumínio ou aparador de cuieira (*Crescentia kujete*). Reúne todos os elementos da composição teórica reivindicada pela Economia Criativa, Economia Ecológica, e Economia Agroecológica (Figura 12).



Figura 12 - Produção artesanal de azeite de andiroba. Pequena tábua, rudimentar, e coleta em recipiente de garrafas de vidros recicláveis. Filtragem com uso de pano, em funil de alumínio. Aparador de cuieira (*Crescentia kujete*). Todo o aparato artesanal acomodado no canto de um pequeno quarto. Fonte: NADESA – 2013.

Assim como ainda aparecessem as várias manifestações culturais da Economia Criativa - em forma de festivais, tais como o *Festival do Miriti*, em Abaetetuba. A produção de brinquedos de buriti no Baixo Tocantins, é outra tradição regional. Possui um calendário próprio de exposições locais e na capital, Belém. O *Festival do Mapará* em Cametá já é uma tradição – imemorial e intermitente, dado que o ano todo, durante o período da pesca da espécie, é parte da gastronomia cotidiana do caboclo. O *Festival do Camarão* em Oeiras do Pará, o *Festival do Açaí* em Igarapé Miri a do cacau/chocolate em Mocajuba, etc. Compondo um vasto e variado painel se expressões da Economia Criativa do Baixo Tocantins. Além, obviamente dos festivais que ocorrem nas ilhas de Belém, como o do açaí em Combú.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os artefatos para a captura de peixes, crustáceos e moluscos nos rios da foz amazônica são variados e se compõem de paris, paredões, paneiros, matapis e peneiras confeccionados pelos ribeirinhos com talas de palmeiras regionais, como o jupati, buriti, jacitara, araumã, açaí, etc.. até as festas, festivais, etc. exalam a associação entre os elementos da Economia Criativa com a Ecológica e Agroecológica. Desta forma, o ribeirinho amazônico, população tradicional da pindorama que traz em sua composição genética, cultural e econômica a herança indígena, quilombola e cabocla no cerne do saber tradicional e convivência ecológica amazônica. Saberes técnicos desenvolvidos por seus ancestrais, particularmente nas confecções das armadilhas de peixes e camarões para fins de sobrevivência, entre elas os currais de pesca, paris e matapis são a viva amostra dessa socioeconomia ecológica ancestral. Que além de ecológica, cultural, é reprodutiva. A continuidade e o desdobramento do saber indígena em diversos aspectos da cultura de hoje, no que diz respeito à arte da cestaria, da confecção das canoas, identificadas por meio da grande variedade de trançados tramas e diversidade de materiais, formas e utilização em objetos, cotidianamente, pelas populações rurais e urbanas. Onde a Economia Criativa, Ecológica e Agroecológica formam um feixe de relações teóricas recíprocas manifestadas empiricamente nos entre rios, flores das Amazônias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. & MARZALL, K. **Indicadores de sustentabilidade para agroecossistemas: estado da arte, limites e potencialidades de uma nova ferramenta para avaliar o desenvolvimento sustentável.** Cadernos de Ciência e Tecnologia, Brasília – DF, v. 17.n.1 p.41-59, jan/abr, 2000.
- ALMEIDA, J. **Agriculteurs de la deuxième chance: un regard sur les (re) actions contestataires et la mouvance alternative dans l'agriculture du Brésil Meridional.** Natterre, université de Paris X, **tese de doutorado, 1993.**
- ALTIERI, M. Uma análise econômica da agricultura sustentável. In: **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável.** Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- BRÜSEKE, F. J. **O problema do desenvolvimento sustentável.** In: Clóvis Cavalcanti, **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável.** São Paulo, Cortez Editora, 2001 p. 24-40.
- CHEPTULIN, A. **A dialética materialista: categorias e leis da dialética.** Alfa-Omega, São Paulo, 1982.
- COSTA, F. de A. **Prefácio.** Desenvolvimento rural sustentável com base no paradigma da agroecologia. Belém, UFPA/NAEA, 2006b.
- COSTA, G. da S. **A alta modernidade e a revolução socioambiental: Indivíduo e coletividade na reprodução sócio-metabólica do desenvolvimento e da sustentabilidade na Amazônia.** Belém, *tese de doutorado*, NAEA, 2009.
- COSTA, G. da S. **Desenvolvimento rural sustentável com base no paradigma da agroecologia: Um estudo sobre a região das ilhas de Cametá, Pará-Brasil.** Dissertação do Mestrado Internacional em Planejamento do Desenvolvimento-PLADES do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos-NAEA/UFPA. Belém, 2003.
- COSTA, G. da S. **Desenvolvimento rural sustentável com base no paradigma da agroecologia.** Belém, UFPA/NAEA. 2006a.
- COSTA, G. da S. Relatório Final. **Estudo e construção de indicadores de desenvolvimento e sustentabilidade para agroecossistemas e populações camponesas da região das ilhas de Belém – Pará – Brasil.** Relatório Parcial, 2016.
- COSTA, G. da S. **Reprodução Social da População Camponesa na Região das Ilhas de Cametá.** Monografia. Belém-PA, 2000.
- DUFUMIER, M. **Les projets de développement agricole – Manuel d'expertise.** CTA-Karthala. Paris. 1996.
- ENGELS, F. **A dialética da natureza.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FOSTER, J.B. **A Ecologia de Marx: materialismo e natureza.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- GOMES, F.F; BATISTA, S.S.M. **Cultura Cabocla Amazônica: saberes e organização sócio-produtiva dos moradores na Ilha do Cumbu/PA.** VI jornada Internacional de Políticas Públicas - O desenvolvimento da crise capitalista e a atualização das lutas contra a exploração, a dominação e a humilhação. São Luís – Maranhão, 2013.
- HOWKINS, John. **Economia Criativa.** Como ganhar dinheiro com ideias criativas. São Paulo: M Books, 2012.
- LUHMANN, N. **Ecological communication.** Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- MARX, K. **Contribuição à crítica da Economia Política.** São Paulo: Expressão Popular, 2ª Ed. 2007.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política.** livro I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 20ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MERICO, L.F.K. Introdução à Economia Ecológica. Editora FURB, Blumenau - SC, 1996.

UNCTAD - Relatório de Economia Criativa da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), 2010.

WOOD, D. & LENNÉ, J. *Why Agrobiodiversity?* In: WOOD, D.; LENNÉ, J. **Agrobiodiversity: Characterization, Utilization and Management.** New York: CABI Publishing, 1999.

Recebido para publicação em fevereiro de 2016.
Aceito para publicação em abril de 2016.